



EDITORIAL

O imaginário: estruturas da ausência

O tema não podia ser mais adequado às circunstâncias: depois de uma prolongada ausência motivada essencialmente pelo longo processo de reestruturação das unidades de investigação da FCSH/NOVA, os *Cadernos de Ceil* retomam agora plenamente a sua atividade regular e, com revigorado entusiasmo, o seu lugar – nacional e internacional – como espaço privilegiado para um questionamento teórico do imaginário. E este regresso não podia ser mais marcante, este número tendo a sorte e o privilégio de acolher as reflexões de alguns dos maiores especialistas atuais sobre o imaginário: Joël Thomas, Jean-Jacques Wunenburger, Corin Braga e Helder Godinho.

Poderá, decerto, parecer paradoxal consagrar um número de uma revista sobre o imaginário ao tema da ausência, uma vez que o imaginário procura, antes de mais, descobrir a substancialidade das imagens por detrás das práticas que, de numa forma ou de outra, exprimem, numa geometria sempre variável, a nossa relação com o mundo. O paradoxo é, no entanto, mera aparência: no âmago desta postura epistemológica assente na constante busca da coerência narrativa das imagens para lá da sua organização puramente gramatical ou sintática, é sempre, como adivinhamos, na ausência (do mito, do outro, da significação, etc.) que se funda um dizer e um conhecimento sobre o mundo e sobre a própria identidade; é sempre dos fragmentos ocultos ou parcialmente inacessíveis do desejo, do inconsciente (pessoal ou coletivo), de uma tradição oral ou textual incessante revisitada e recriada na eterna tensão entre memória, história e ideologia, que surgem novos paradigmas culturais; é sempre da ou na ausência que emerge a palavra cuja existência implica – material como simbolicamente – a reiterada experiência da sua própria ausência através do silêncio; palavra cuja condução essencial reside na incompletude, ou seja, num epifania constantemente rasgada pelo não-dito ou o indizível. É da relação consubstancial da palavra com a ausência que nasce a polissemia, o equívoco, a ambiguidade, a metáfora.

Como esclarece Joël Thomas logo no início do seu artigo sobre a figura de Ulisses, «a ausência absoluta não existe; senão estaríamos perante o nada. A ausência define-se filosoficamente na sua relação com a presença». Daí a ligação paradoxal e complexa que une a ausência ao tempo: se a ausência traduz um jogo dos possíveis, designando um universo repleto de virtualidades latentes e não-diferenciadas, o tempo da ausência é, por excelência, o tempo da indiferenciação à qual a palavra virá dar uma Forma. A ausência assume então o registo da nostalgia, da melancolia ou da saudade, como pode assumir também o sentimento da perda daquilo que nunca se conheceu. É nesse difuso, mas extremamente poderoso, desejo do futuro que emerge a singular dimensão da ausência como



espera¹: espera de um significado que há de encarnar na História e no qual se fundam não apenas os sistemas religiosos de contornos messiânicos, mas também mitos profanos cuja eficácia simbólica influencia a literatura e artes como acaba por moldar mentalidades, matrizes de pensamento e paradigmas culturais e político, ou seja, visões do mundo. Ocorre-nos a emblemática trajetória mítica do Rei Artur da Bretanha, mortalmente ferido por Mordred, o filho do incesto, e levado para a bem venturada ilha de Avalon da qual regressará um dia para salvar os bretões (nomeadamente contra o império dos Plantagenetas), de acordo com uma tradição que remonta à *Gesta Regum Anglorum* de Guilherme de Malmesbury (1125) e que será amplamente retomada, glosada ou combatida pela tradição literária dos séculos XII e XIII. Mas, enraizado nestes mesmos alicerces imaginários donde emerge conceito medieval de realeza messiânica, pensamos igualmente num outro mito fundador bem conhecido entre nós: o Sebastianismo.

É porque a ausência é plenitude ou excesso de sentido (e não vazio de sentido) não corporizado ou circunscrito num discurso, numa ideia, num conceito, num objeto ou numa prática social ou política que tanto a profecia como a utopia, por outro lado, se revelam tão sedutoras e eficazes enquanto projeções das potencialidades da ausência que fingem curto-circuitar o presente. E se as utopias (como relembra Corin Braga) constituem o momento da revelação (no sentido fotográfico do termo) da ausência, a anti-utopias não deixa de representar, por sua vez, o «negativo», a imagem ausente, desta mesma película. Para lá da teoria dos «mundos possíveis», a ausência é assim o princípio estruturante de todo jogo ficcional e do pacto que lhe subjaz.

Particularmente lúcida, como sempre, sobre as complexas dinâmicas que presidem à construção do sentido e da identidade, a Idade Média intuiu claramente esta dimensão fundadora da ausência, nomeadamente através dessa conhecida ficção sobre o Livro inscrita numa retórica de legitimação do discurso poético: imagem do livro que assume, nesse contexto, uma dimensão plenamente *u-tópica*, apontando, por um lado, para a natureza ideal do Livro enquanto estrutura modelar ao qual a narrativa procura colar-se e distanciar-se; que revela, por outro lado, que este modelo, como grande parte dos motivos atualizados pela poesia medieval, não remete para um referente extralinguístico concreto, sendo, antes de mais, um *topos*, um lugar-comum da tradição e do re-conhecimento; que sugere, finalmente, que este lugar é, na verdade um não-lugar, ou um lugar vago (mas não vazio), logo, eternamente disponível, uma pura miragem referencial, uma ausência fundadora. O motivo do livro-fonte escondido e (res)guardado dos olhares profanos numa biblioteca monástica (entre outros exemplos possíveis) ou sepultado (aspeto que reencontramos na tradição oral africana através da figura do *griot* que garante a autenticidade e a integridade da história que se prepara para contar apontando para o livro enterrado a seus pés) participa de um paradoxo onde a Presença emerge da Invisibilidade, o gesto retórico que consiste em mostrar o Livro sendo mais poderoso e convincente do que a própria corporalidade do livro. A presença/ausência do Livro não se esgota assim no princípio sacramental da

¹ Sobre esta peculiar dimensão da ausência, veja-se o último número da revista *Sigila - Revue Transdisciplinaire franco-portugaise sur le secret* (37, primavera-verão de 2016) consagrado ao tema da espera.



Revelação, participando também de uma lógica comum à do segredo e do poder: quanto maior for a sua invisibilidade, quanto mais distante, misteriosa e intangível for a origem da Lei, maior será a sua força e eficácia no plano ideológico como simbólico. Mas, como lembrava Maurice Blanchot (*Le livre à venir*, p. 334), se do lugar vazio do livro emana a escrita enquanto forma pura, liberta da marca de qualquer presença autoral, da ausência nasce um hiato no qual se vai justamente imiscuir a figura do poeta. A eterna vacância permite, por sua vez, a permuta virtualmente infinita dos lugares autorais.

A dialética, nem sempre isenta de tensões, entre presença e ausência constitui aliás uma dimensão fundador da cultura e da filosofia ocidentais, sendo que uma das suas manifestações mais proeminente se manifesta precisamente na relação entre a voz (marca da plena Presença estranhamente ausente) e a escrita. De Platão a Saussure, passando por Aristóteles, Santo Agostinho e Hegel, o logocentrismo assimila-se, com efeito, a um fonocentrismo em que escrita, significante do significante, não passa de uma cristalização redutora da voz da qual emana a totalidade do ser e a plenitude da palavra. Se a escrita implica sempre a Diferença (ou a *Diferença*, segundo Jacques Derrida), veiculando uma intransponível falha entre os signos e o mundo que sonha nomear/habitar; se, por outras palavras, a escrita é, por excelência, o lugar da eterna ausência ou do exílio², a voz (*phonè*) mantém viva e prenha a relação *simbólica* entre a linguagem e o *logos* primordial, os signos e a significação, entre o ser e a alma (Aristóteles dizia que «os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados de alma»³), numa copresença e imediatez absolutas que rebaixam a escrita ao estatuto de uma «mediação de mediação e queda na exterioridade do sentido» (J. Derrida, *De la grammatologie*, p. 24).

A dinâmica de produção e de estruturação do sentido alicerça-se assim sempre na ausência. É a ausência que estrutura os sistemas semióticos, uma vez que «o pensamento implica sistemas de significações aparentemente ausentes mas permanentemente presentes em todas as suas atualizações e para lá delas, desde o sistema linguístico nos seus diversos níveis, a começar pelo fonológico, por exemplo, até aos arqui-sistemas, onde a abertura para a criação se torna possível como inter-visitação do saber humano, disseminado no cruzamento de vários sistemas, mesmo o saber não-consciente (cérebro não-cortical). De modo que todo o saber e toda a consciência se baseiam e dependem do não-dito que impregna todo o dito, ou seja, se baseiam na Ausência e dependem da Ausência. A essa marca que abre ao não-dito presente no dito de todo o conhecimento, e mesmo dos sentimentos, Derrida chamou *traces*, rastros e marcas da ausência presente» (Helder Godinho). Da mesma forma, é a ausência que funda e estrutura toda e qualquer a relação simbólica, os estudos sobre o imaginário não devendo acentuar a artificial separação entre semiologia e simbologia, mas antes promover a sua reintegração sistémica ao serviço de um pensamento mais holístico dos processos

² «L'écriture est le moment du désert comme moment de la Séparation» (J. Derrida, *L'Écriture et la Différence*, p. 104); «Écrire, c'est se retirer. Non pas dans sa tente pour écrire, mais dans son écriture même. S'échouer loin de son langage, l'émanciper ou le désenparer, le laisser cheminer seul et démuní», *Idem*, p. 106).

³ *Da interpretação*, 1, 16a 3, apud J. Derrida, *De la Grammatologie*, p. 21.



de significação e de uma visão mais integradora das diferenças que constituem o mundo.

É esta dimensão fundadora e estruturante do imaginário da ausência, nos seus diversos matizes, configurações e manifestações, que os artigos que integram este número dos *Cadernos do CEIL* se propõem sondar, explorando campos teóricos e metodológicos onde confluem os estudos literários, a filosofia, a antropologia, os estudos fílmicos e os estudos literários.

Carlos Carreto

Direção do *Cadernos do CEIL*